

José Miguel Cardoso. *Para uma escatologia sapiencial. A herança escatológica de Karl Rahner e Johann Baptist Metz.*

Braga: Livraria Diário do Minho (Stimulus Pastorum: 1), 2023, 530 pp.

CARDEAL D. ANTÓNIO MARTO*

1. O contexto da obra

Não vai longe o tempo em que os compêndios de teologia dogmática, os catecismos e os livros de devoção terminavam com um tratado ou capítulo sobre os chamados “novíssimos do homem” (*De novissimis*). Tratava-se da doutrina sobre “as coisas últimas” ou também “fins últimos” da vida humana, a saber: “morte, juízo, inferno e paraíso”. Tornou-se também o tema forte dos exercícios espirituais e das pregações quaresmais. Tanto teólogos como pregadores descreviam estas realidades de modo tão localizado e materializado, à maneira de uma reportagem antecipada do acontecimento final, como se tivessem feito uma viagem pelo além, inculcando mais o terror do que a alegria da mensagem da esperança cristã. Isto levou Yves Congar a chamar ao *De novissimis* “uma espécie de física das coisas últimas” ou “geografia do além”!

Este tratado, hoje conhecido como escatologia, teve uma vida tranquila durante séculos, sem aprofundamento de reflexão teológica, tanto na teologia protestante como na católica, a ponto de Von Balthasar observar que “o gabinete escatológico está quase sempre fechado”. Só

* Universidade Católica Portuguesa; Bispo emérito de Leiria-Fátima.

a grande teologia do século xx realizou uma profunda reflexão teológica sobre o tratado e sobre a doutrina, que representa uma verdadeira “viragem escatológica”, a ponto de Von Balthasar dizer que “o gabinete escatológico faz horas extraordinárias”. Desde então assistimos a uma abundância de reflexão teológica sobre esta temática.

Nesta continuidade se insere esta obra apresentada como tese de doutoramento na Pontifícia Universidade Gregoriana com a sua originalidade digna de salientar e de que temos o gosto de fazer a recensão.

2. Os objetivos e estrutura da obra

Desde logo, o autor começa por nos apresentar na introdução, com clareza, a *pergunta central e os objetivos da tese*: «em que modo a escatologia pode potenciar a vida humana, evitando que se torne numa “vida desregrada” com as suas respetivas consequências (a morte)?» (pág. 16).

O *objetivo geral* visa identificar, expor e compreender o fio condutor da reflexão escatológica ao longo da tradição até Rahner e de Rahner até Metz e a herança escatológica destes. E o *objetivo particular* pretende oferecer uma nova proposta escatológica para a atualidade, fruto da reflexão pessoal, intitulada *escatologia sapiencial*.

De seguida, é apresentada a estrutura *da tese* que consta de três partes, segundo o método dogmático, em sete capítulos. Nesta recensão daremos mais desenvolvimento à última parte por nos parecer a mais original.

3. A primeira e a segunda parte da obra

Na *primeira parte, o auditus fidei*, à escuta da fé da Igreja procura a clarificação conceptual: o que é e o que não é a escatologia, na sua visão sincrónica e diacrónica (Cap. I), e a recolha dos dados escatológicos da Revelação e sua elaboração na Tradição, nas várias etapas e modalidades até à viragem escatológica no século xx e terminando no Concílio Vaticano II (Cap. II).

A *segunda parte, o intellectus fidei*, trata da compreensão e do aprofundamento da reflexão escatológica de K. Rahner (Cap. III), os contextos

e razões da passagem da teologia transcendental à teologia política com realce ao evento de Auschwitz e do Concílio Vaticano II (Cap. IV), e o respetivo aprofundamento da reflexão escatológica de J. B. Metz (Cap. V), evidenciando os contributos e limites do legado escatológico de cada um.

Assim, relativamente a esta “herança escatológica”, como refere o subtítulo da tese, o *legado escatológico de Rahner assenta em 4 grandes contributos*: resgatar a escatologia de mero apêndice da teologia para a colocar no centro do debate teológico, sobretudo com os princípios hermenêuticos (mandamentos escatológicos); *iniciar* a abordagem da escatologia a partir da antropologia da morte como problema hermenêutico existencial; *a centralidade de Cristo* como acontecimento escatológico; uma nova formulação de termos escatológicos (págs. 206-209).

Por sua vez, Metz, *tendo presente a pregnância simbólica de Auschwitz e a sua posição diante do Concílio Vaticano II, parte do princípio* de que as promessas escatológicas (liberdade, paz, justiça, reconciliação), não podem ser privatizadas. Coloca este aspeto como sendo a base e o horizonte que orienta toda a estrutura teológica (toda a teologia escatológica deve tornar-se uma teologia política). O *legado escatológico de Metz assenta em 3 grandes contributos*: pensar toda a teologia a partir da escatologia; uma nova tipologia escatológica (Escatologia Política); recuperação de uma consciência apocalíptica que dá prioridade ao sofrimento humano e social; nova formulação de termos escatológicos, como memória *passionis*, narração mais que argumentação, solidariedade-praxis, mística de olhos abertos, reserva escatológica (págs. 354-356).

O autor não deixa de esclarecer que Metz se considerava aluno e intérprete de Rahner, a quem considerava não só seu grande mestre, mas também pai na fé. E Rahner, mais tarde, com humildade, confessou ser também aluno de Metz. Daqui surge a proposta de um princípio hermenêutico do autor: «Não podemos compreender Metz sem Rahner e não se pode compreender totalmente Rahner sem Metz» (pág. 212). De tal modo que, não obstante a referência aos inúmeros confrontos entre estes dois autores que faz ao longo dos Caps. III-V, o autor oferece depois

uma síntese programática deste confronto (págs. 360-364), que servirá de referência para a sua proposta particular.

4. A terceira parte da obra

Na última parte da tese, *a traditio fidei* (Caps. VI-VII), o nosso autor começa por tratar da escatologia na pós-modernidade, em concreto da necessidade de uma leitura atenta e correta do nosso contexto sociocultural para uma melhor hermenêutica escatológica.

4.1 *Escatologia na pós-modernidade*

Deste modo procede a uma caracterização pormenorizada do contexto cultural da pós-modernidade e o seu reflexo na antropologia cristã (Cap. VI): no enfraquecimento da conceção de Deus (eclipse de Deus, perda do seu lugar no horizonte), da conceção do homem (sem memória, sem história nem futuro) e da conceção do mundo (depósito de coisas ao sabor da tecnologia que toma o lugar da sabedoria e da ética).

Todavia é possível descobrir este tempo como propício à escatologia: uma nova oportunidade que se oferece ao cristianismo e à escatologia para expor aspetos originários e originais que permaneceram ofuscados ou esquecidos no tempo da cristandade (págs. 400-404). Eis alguns exemplos: o Deus próximo e compassivo frente à conceção do Deus metafísico e distante; a maior atenção dada à experiência de Deus, à espiritualidade, à mística face ao predomínio do aspeto doutrinal; a compaixão com as vítimas, as feridas e tragédias que abalam a humanidade. Seguindo o parecer de J. Moltmann, o autor conclui que a escatologia é a área teológica mais oportuna e credível para repensar o cristianismo no panorama da pós-modernidade. Mais precisamente, apresentando *Deus como futuro do humano* (pág. 403), com um aspeto mais político que teórico: enquanto prática da esperança. Deste modo, a escatologia torna-se porta aberta para o diálogo com o mundo, introduz o futuro esperado no meio dos sofrimentos do presente e impele a sermos colaboradores do futuro.

4.2 Escatologia sapiencial

No último capítulo (Cap. VII), como conclusão, o autor avança com uma nova proposta escatológica para a atualidade. É fruto da sua própria reflexão pessoal, para pensar e apresentar a escatologia cristã sob o título de “escatologia sapiencial”, como «modo específico de habitar o mundo à luz do eschaton» (pág. 407).

Para isso *escolhe a categoria bíblico-teológica da “sabedoria”* como chave hermenêutica central que estrutura e regula esta nova proposta e como linguagem acessível ao humano pós-moderno e à vida concreta.

É sobretudo um *conceito existencial* que, à partida, expressa uma postura na realidade e diante dela. Não anula nem refuta a razão. Antes, engloba-a e transcende-a. Implica um conhecimento humano do que é compreensível à razão; mas, ao mesmo tempo, abre-se à possibilidade do incompreensível (fé), ao mistério da harmonia da criação, ao mistério do humano no mundo e sua orientação, ao discernimento do bem e do mal, à interrogação sobre o futuro.

Por tudo isto, *a sabedoria é também um conceito escatológico*, aberto à esperança, ao ainda não compreensível, ao ainda não consumado.

4.2.1 Dimensões de uma escatologia sapiencial

Em que medida então a sabedoria pode enriquecer o discurso escatológico e vice-versa?

Por um lado, a sabedoria enriquece a escatologia na medida em que confere à esperança a novas dimensões: bíblica, trinitária, antropológica, eclesiológica, histórica, apocalíptica, cosmológica, ecumênica, inter-religiosa, universal. Desafia a escatologia a “esperar para todos” e com todos e não só para alguns (pág. 441).

Por outro lado, a escatologia enriquece o conteúdo da sabedoria e a vivência sapiencial com *uma característica nuclear: a esperança, entendida como estilo de vida* com as atitudes específicas da esperança cristã. A saber: a espera na futura salvação definitiva; a confiança no cumprimento da promessa; a resistência paciente em suportar e enfrentar as tribulações da vida confortados pelas alegrias escatológicas; a audácia de

agir em liberdade e deixar-se mover pelo Espírito Santo que nos concede o dom da esperança e nos impele para caminhar no projeto divino (págs. 441-445).

Partindo da perspectiva de São Paulo, que reformula o conceito grego e hebraico, «trata-se de mostrar a diferença cristã (o estilo cristão) mediante um modo de habitar o mundo com os olhos da esperança» (pág. 438), pois é esta esperança que nos distingue a nós cristãos.

Nesta sequência, o autor introduz um aspeto original, cunhado por si mesmo, para evidenciar como a escatologia enriquece a vivência sapiencial cristã a partir da categoria da esperança. A saber, aos quatro princípios que o Papa Francisco propôs na *Evangelii Gaudium* para orientarem o desenvolvimento da convivência social e o bem comum, ele acrescenta um outro: «a esperança é superior à razão» (pág. 440). Quer dizer, a esperança garante a amplitude da sabedoria levando a superar a lógica da razão, isto é, do cálculo, do previsível e definitivo. Como consequência antropológica, este novo princípio afirma uma característica da identidade do humano: o *Homo sperans* (mais além do *homo sapiens sapiens*), o Homem esperançoso que encarna a identidade da escatologia sapiencial, o humano habitado por uma esperança que ilumina e amplia a sua sabedoria humana.

4.2.2 *Do Credo para a vida*

Finalmente a questão crucial: em que modo concreto se traduz o estilo de vida do *Homo sperans* na base da escatologia sapiencial? Qual o modo de viver à luz da escatologia sapiencial? A resposta está centrada na passagem do Credo para a vida, passar do “crer na parusia” ao “viver na espera(ança) da parusia”! Para isso aponta alguns aspetos concretos a ter presentes e que ele mesmo ilustra e desenvolve.

O autor parte dos seis conteúdos escatológicos do credo niceno-constantinopolitano, traduzindo-os num estilo de vida que seja capaz de iluminar e enriquecer a existência humana nos vários níveis das suas relações quotidianas: individual (consigo mesmo), espiritual (com Deus), social (com os outros), cósmica (com o mundo histórico e a natureza). A isto,

enriquece esta proposta ao acentuar o teor cristológico e pneumatológico de cada conteúdo, ao procurar iluminar os elementos característicos da antropologia cristã na pós-modernidade e ao inserir os contributos de Rahner e Metz para esta reflexão.

E daqui o contributo central da tese: «com esta escatologia sapiencial, enquanto herdeira da continuidade escatológica de Rahner e Metz, pretendemos agora concretizar o ἐσχάτου num ἐσχάτω (*sentido existencial*): a vida concreta do humano como o lugar onde se desenvolve o evento escatológico, ou seja, um viver sapiencial “no eschaton” (ἐσχάτω: dativo, masculino singular). Com base nisto, se Rahner propusera que o cristão atual deveria ser um *humano místico*, e se Metz propôs que deveria ser um *humano místico de olhos abertos*, nós propomos que seja antes um *humano místico com olhos sapienciais*» (pág. 468).

Acresce ainda que é muito interessante a *leitura escatológica da parábola do filho pródigo*, com que inicia e termina a obra, para ilustrar *dois modelos paradigmáticos de escatologia*: o modelo da *escatologia sapiencial* da misericórdia, da esperança e alegria (no filho mais novo) e o modelo da escatologia individualista, jurídico-retributiva (no filho mais velho).

5. Considerações finais

Estamos perante uma tese de doutoramento que considero verdadeiramente excecional a vários títulos.

Antes de mais, é fruto dum amplo trabalho de investigação, de estudo e interpretação de dois grandes teólogos de renome nos séculos xx e xxi. O autor manifesta, sem dúvida, uma notável capacidade de análise atenta, bem como dom de síntese, rigor de conceitos e de expressão e um ponderado sentido crítico relativo aos contributos positivos e aos limites de cada um dos autores estudados. A obra está ainda dotada de um abundante e rigoroso aparato de notas e aparato bibliográfico, como pertence a uma tese de doutoramento.

O texto está escrito com grande atenção e uma clareza didática exemplar que permite ao leitor seguir mais facilmente a reflexão sem perder o fio condutor. É valorizado ainda por uma riqueza de referências literárias,

poéticas, artísticas e cinematográficas que tornam a leitura mais gozosa e gostosa. Teria sido bom evitar alguns italianismos!

Mas a mais-valia principal, a meu ver, é a ousadia da nova proposta de uma *escatologia sapiencial* e a sua atualidade para o novo tempo que vivemos, como acaba de sublinhar o Papa Francisco no Motu Proprio *Ad Theologiam promovendam* (1 de novembro 2023): «A necessária atenção ao estatuto científico da teologia não deve obscurecer a sua dimensão sapiencial, como já claramente foi afirmado por São Tomás de Aquino... A razão científica deve alargar as suas fronteiras na direção da sabedoria para não se desumanizar e empobrecer. Por esta via, a teologia pode contribuir para o debate atual de “repensar o pensamento”, mostrando ser um verdadeiro saber crítico enquanto saber sapiencial» (*Ad Theologiam promovendam*, 7).

Podemos e devemos dizer que esta obra, na continuidade do legado escatológico dos dois grandes teólogos já referidos, abre um novo horizonte e novo caminho à escatologia como *topofilia* (isto é: “esperança que ama a terra” que o humano habita), também oferece uma nova linguagem e marca uma nova etapa da escatologia no diálogo interdisciplinar e transdisciplinar com a cultura e os humanos pós-modernos e todos os saberes científicos, filosóficos, humanísticos, artísticos... Só deste modo a escatologia, a teologia e a Igreja podem dialogar com os humanos pós-modernos, pós-ideológicos e pós-crentes.

A condição pós-moderna e pós-crente, mas também a condição crente, é atualmente sofredora e difícil. No fundo pede ou precisa ser de novo encantada, fascinada por uma diversa narrativa teológica e escatológica, a narrativa da esperança.

Uma esperança que liga entre si o aquém e o além, Terra e Céu, morte e ressurreição, fim e plenitude, só pode exprimir-se, de forma adequada, em imagens e símbolos. Estas imagens, porém, têm o seu tempo e a sua hora. Algumas já ultrapassaram o prazo de validade. Contrastam com o núcleo da mensagem a transmitir, por ex. as que incutem mais o medo da condenação do que a alegria de saborear o céu...

Imagens, metáforas, símbolos para exprimir a beleza e a riqueza do futuro último e definitivo em Cristo (desde já em fragmento) para cada humano e para a humanidade e o mundo, esperam poetas, escritores, artistas, sintonizados com a nova hermenêutica da esperança, para serem traduzidas em novas visões em linguagem mais atrativas e compreensíveis à nossa sensibilidade, capazes de falar à mente e ao coração daqueles que se sentem isolados, perdidos no labirinto do mundo e não têm mais esperança ou a têm debilitada. Há caminhos não andados que esperam por alguém!

Eis então o desafio! O autor confessa com honestidade e humildade que nenhuma tese é um fim (termo e meta) em si mesma, e sinaliza assuntos a desenvolver e interrogações a considerar (págs. 474-475). Ele manifesta grande capacidade de trabalho e investigação, dom de análise e síntese, inspiração criativa, veia poética, sensibilidade artística, domínio da cultura atual, atenção aos sinais dos tempos.

Esta tese credita-o com o estatuto de um bom teólogo. Para além da felicitação merecida por esta obra, esperamos que continue o trabalho teológico e venha a ser um grande teólogo e especialista em escatologia sapiencial que o povo de Deus e a Igreja em Portugal esperam e tanto precisam!